

ALGUNS ASPECTOS CULTURAIS DE CAMPINAS NO INÍCIO DO SÉCULO

Benedito Barbosa Pupo

1 — Antecedentes

No último lustro do século XVIII, Campinas, cuja economia não mais repousava apenas na lavoura de subsistência mas na cana-de-açúcar, aqui próspera graças aos incentivos que essa cultura recebera do Morgado de Mateus, tornara-se autônoma, política e administrativamente, desmembrando-se de Jundiá. Na primeira década do século passado, a deduzir-se do plano dos campineiros elaborado para a construção da nova matriz de Nossa Senhora da Conceição, Campinas deveria ser uma cidade que, além de opulenta, possuía gente de muito bom-gosto. Se assim não fora, Vitoriano dos Anjos não teria sido solicitado para vir à nossa cidade a fim de realizar os finos labores artísticos que ornaram nossa Catedral Metropolitana. Construída com o açúcar e com o café, nosso templo é talvez a primeira manifestação relevante da cultura campineira. Obra que traduz mais a opulência, o desejo de ostentar o poderio econômico de nossa gente, como o gosto desta, a Catedral é, a meu ver, menos uma obra a revelar puro sentimento religioso dos habitantes que, graças à cana-de-açúcar e ao café, tinham condições para grandes cometimentos, como a construção da Catedral e do Teatro São Carlos. Neste, famosos cantores internacionais e Sarah Bernhardt, a grande trágica francesa, se exibiram, sem contar as memoráveis reuniões republicanas nele realizadas na década de 1881 a 1890.

O último quartel do século XIX foi rico de eventos na vida de Campinas, alguns de efeitos positivos, outros de resultados negativos. Se considerarmos, por exemplo, as epidemias de febre amarela ocorridas no final da penúltima e no início da última década do século, verificaremos que, ao lado do mal causado à cidade, essas epidemias motivaram as autoridades, induzindo-as ao saneamento de Campinas com o concurso do engenheiro Saturnino de Brito e do médico Emílio Ribas. O fato é que Campinas com as medidas da ação conjugada da medicina e da engenharia tornou-se uma cidade modelo sob o ponto de vista da higiene. A lição de Campinas serviu a Oswaldo Cruz que, no Rio de Janeiro, aplicou no combate à febre amarela os métodos aqui empregados por Emílio Ribas. Os que, depois de suas migrações para outras plagas, para aqui retornaram, encontraram uma cidade diferente, empenhando-se todos, então, na sua recuperação, na sua restauração. Como a fênix lendária, símbolo do nosso

renascimento, que figura no brasão da cidade, Campinas emergiu das cinzas e reiniciou a sua trajetória gloriosa, conquistando a posição de destaque que hoje desfruta entre as metrópoles brasileiras, não obstante os problemas (como os decorrentes da crise do café, de 1929) que tem enfrentado e superado.

O primeiro Colégio “Culto à Ciência” aqui nascido sob a influência da Maçonaria — tema que mereceu atenção de dois estudiosos da história da cidade — foi uma vítima do mal causado pelo “*Aedes aegypti*”. Surgiu depois, em 1896, outro estabelecimento que se instalou no mesmo prédio em que funcionara o primeiro, agora como “Ginásio do Estado”. Outros estabelecimentos de ensino, particulares como o “Internacional” (dos protestantes), aqui surgiram, mas o colégio oficial marcou a sua presença de maneira ímpar graças à plêiade de renomados mestres por ele trazidos para Campinas. O atual “Culto à Ciência”, que em homenagem ao primeiro, adotou o mesmo nome, acrescido da palavra “Estadual”, procura continuar as tradições de cultura que o tornou famoso no início do século, quando ainda era conhecido simplesmente como “Ginásio do Estado de Campinas”.

Capital agrícola do Oeste paulista, Campinas, que já contava com ferrovias desde 1872, reclamava um centro de estudos que fornecesse elementos aos nossos lavradores. Surgiu em 1887, por obra do Governo Imperial, a “Estação Agronômica de Campinas”, posteriormente transformada em “Instituto Agronômico” quando, em 1892, passou para o domínio do Estado. Como o Ginásio, que congregava expoentes das ciências e das letras, o “Agronômico” reunia também valores da ciência, químicos e botânicos, para aqui vindos com a missão de pesquisarem e orientarem nossos lavradores em suas culturas. Formavam eles um grupo de pessoas que, mesmo nas horas de lazer pensavam em termos de ciência, tanto assim que se reuniam à noite na Praça Visconde de Indaiatuba (mais conhecida como Largo do Rosário) para trocarem idéias. Ali, em suas tertúlias discutiam os problemas das ciências naturais, não tardando a constituírem, com outro grupo, o do Ginásio, um verdadeiro grêmio para debates sobre assuntos científicos, sob a luz das estrelas...

Segundo se lê na **Monografia histórica do Centro de Ciências, Letras e Artes** de Carlos Francisco de Paula, o Instituto Agronômico reunia um grupo notável de homens de ciência, a cuja frente se achava o diretor do estabelecimento, Dr. Gustavo Rodrigues Pereira Dutra, sucessor do Dr. Daffert, cientista europeu contratado pelo governo imperial para organizar a Estação Agronômica de Campinas. No Instituto, esses cientistas realizavam pesquisas, cujos resultados eram divulgados pelo seu órgão oficial, o **Boletim do Instituto Agronômico**. Através dessa divulgação Campinas projetava-se internacionalmente, pois o que se fazia aqui no campo dos estudos agronômicos era comentado e discutido pelas entidades

das outras partes do mundo, com as quais o nosso Instituto Agrônômico mantinha correspondência.

Nas tertúlias surgiu a idéia de se fundar um grêmio de estudos de ciências naturais. A idéia foi bem recebida. Nos primeiros anos deste século ganhou vulto. O grupo reuniu-se para a concretização do ideal, transformando-o em projeto. O maranhense Coelho Neto, já com seu nome aureolado pela glória e que vencera o concurso para a cadeira de Literatura do nosso Ginásio do Estado, transferiu sua residência do Rio de Janeiro para Campinas, terra que foi berço de dois de seus filhos: Paulo e Zita, ambos dedicados às Letras, sendo que o primeiro veio a se tornar membro da Academia Carioca de Letras. Sob a influência do escritor maranhense, o programa do grêmio, que seria apenas dedicado às ciências naturais, foi ampliado, incluindo-se também as letras e as artes.

Em 1857 um grupo de rapazes fundou o clube de danças a que deram o nome de Clube Semanal. A princípio destinado exclusivamente à dança, realizava essa agremiação suas reuniões em casas de família, às quais dava o nome de “ensaios”. Posteriormente, constituiu-se, paralelamente a essa agremiação, outra para aquisição de sede própria. Com isso, o programa já previa saraus artísticos e literários. Em 1914 fundava-se outra entidade com o fim de promover saraus musicais. As duas primeiras — o clube de dança e a entidade proprietária do prédio — fundiram-se numa só. Em 1915, um novo grêmio, dedicado à cultura artística, surgiu em Campinas, fundindo-se entretanto em 1916 com a agremiação resultante da fusão das duas entidades anteriormente mencionadas.

2 — Uma visão do século XIX

“A cidade — segundo Donald Pierson — tem características não apenas físicos, mas também sociológicos; não é só uma massa de edifícios e de vias; é uma **cultura**”. Não tomo aqui a palavra **cultura** na sua acepção ampla, mas apenas a usarei para os aspectos intelectuais e artísticos de Campinas. Para se compreenderem os fatos ocorridos nesses dois campos em nossa cidade nos primeiros trinta anos do século XX, não se pode fugir ao exame da situação cultural de Campinas durante o século XIX. Wanderley Pinho, em seu livro **Salões e Damas do Segundo Reinado**, depois de relatar as atividades na capital da Província, tem palavras amáveis sobre a nossa cidade: “Campinas podia talvez disputar a palma e a precedência nessa reação de cultura e desembaraço social”. Justificando, e com base em notícias de **A Província de S. Paulo**, o autor apresenta em três parágrafos o relato do que ocorria aqui nas décadas de 80 e 90:

“Lá iam ter de certa época em diante algumas companhias teatrais que chegavam à capital.

Campinas ouvia concertos dirigidos por Sant'Ana Gomes desde 1877, onde aparecem as pianistas Placidina do Amaral e Maria Isabel Gomide e cantoras Francisca Jacobina, Letícia Ralston e Adélia Abreu.

Em 1881 e 1882 fazem boa figura nos saraus musicais dos clubes Sociedade Carlos Gomes e Clube Semanal: Sant'Ana Gomes, Ana Matilde Pinto, Placidina do Amaral, Teresa Pompeu, Adelaide Lopes de Sousa, Ana Sales, Maria José e Francisca de Paula Lopes Camargo, Ana Esméria Lobo”.

Recuando um pouco no tempo, até 1865, ano em que Alfredo d'E. Taunay (o futuro Visconde de Taunay), como integrante da unidade de nosso Exército comandada pelo Coronel Drago, passou alguns meses em nossa cidade, Campinas já apresentava grande contraste com a capital. Comentando as referências lisonjeiras a Campinas, no paralelo que o autor da **Retirada da Laguna** faz de nossa cidade com São Paulo, Wanderley Pinho assim se refere à sociedade local: “Esse retraimento da gente da capital fazia contraste com a expansão e cortesia da sociedade campineira onde tudo exigia elogio do missivista”.

Interessante é verificar-se o que ocorria aqui no campo cultural no último ano do século XIX. O almanaque **A Cidade de Campinas em 1900**, organizado por Leopoldo Amaral e editado pela Casa Livro Azul, é a fonte onde se podem haurir as informações desejadas. Pela relação das instituições, que eram muitas no último ano do século, pode-se muito bem conhecer a vida cultural de Campinas e a atividade de sua gente quanto à cultura intelectual e artística. É claro que não posso apresentar tal situação em suas minúcias. Mas para que se compreenda o que irá acontecer logo em seguida, de 1901 a 1930, a visão panorâmica que se tem pela leitura do **Almanaque** de Leopoldo Amaral é suficiente.

Um fato que chama logo a atenção do leitor é a presença de escandinavos em Campinas, os quais, pelo que se deduz das informações sobre entidades campineiras em 1900, chegavam a constituir uma colônia. Sabemos que além de franceses, espanhóis, italianos e portugueses, dispersos pelo município, havia etnias como a americana, a alemã, a russa e a suíça, aglutinadas em pontos de eleição do território municipal. A colônia escandinava pertencia ao grupo dos não concentrados em núcleos. Fundada em 1897, a Sociedade Escandinava de Leitura — **Norden** — tinha por fim proporcionar aos associados a leitura de livros e jornais (naturalmente, de preferência, os da península). Havia ainda, desde 1893, a Sociedade Scandinava, que reunia os “filhos das terras irmãs da parte mais norte da Europa”. Eram diretores da primeira, em 1900, os Srs. Carlos Sevelin, presidente; Gustavo Modén, secretário; e Pedro Larsen, tesoureiro. Da segunda, era presidente o professor Gustavo Enge, tendo como outros diretores os Srs. Alfredo Barthelson e B. Haurwitz.

Com o fim de “proporcionar belas reuniões familiares desenvolvendo o gosto pelas artes e muita sociabilidade”, os alemães haviam fundado a Sociedade Alemã de Canto — “Concórdia” — para “o cultivo da música do canto coral (em quartetos)”. Esta sociedade, como se verá oportunamente, desempenhou papel importante em 1903, por ocasião da encenação da peça **Pastoral**, escrita em Campinas por Coelho Neto para as festas do Natal daquele ano. Outra agremiação cultural germânica, que fora fundada em 1890 para “cultivo da música de canto”, era a “Deutscher Handwerker Gesangverein Eintracht”, tendo como professor o Sr. Carlos Zink.

O Clube Mozart compunha-se exclusivamente de discípulas do professor de piano Luís de Pádua, pai de Djalma de Campos Pádua, também pianista e emérito compositor, sucessor do pai no Colégio Progresso Campineiro. Fundado em 1884, tinha esse clube por finalidade “fazer propaganda de autores brasileiros e estudos de autores clássicos”.

Merece menção o **Quarteto**, conjunto formado pelos três irmãos Joaquim, Cândido e Antônio Álvaro de Sousa Camargo, respectivamente violino, flauta e bombardino, completado pelo professor José Braccheto, piano, a quem competia dirigir os ensaios.

O irmão de Carlos Gomes, José Pedro de Sant’Ana Gomes, dirigia a Orquestra Campineira. Outros conjuntos musicais havia também aqui, dos quais se destacavam sete bandas, duas delas em fazendas, uma pertencente a D. Isolina Barbosa Aranha e outra ao tenente-coronel João Francisco Aranha.

Sabe-se que o artista-joalheiro Emílio Décourt veio para nossa cidade, aqui se estabelecendo e constituindo família, atraído pela fama de Campinas como local onde havia riqueza e bom-gosto. Trabalhando em Paris, no “Palais Royal”, quando o Imperador Pedro II encomendou à firma Luís de Resende, do Rio, os adereços destinados às suas filhas, Emílio Décourt foi escolhido para integrar o grupo de artistas que executaria a obra de acordo com as exigências do imperial cliente. É que D. Pedro exigira que as peças fossem feitas no Brasil com material brasileiro. Emílio Décourt, terminado seu trabalho, veio para Campinas. Quais os motivos por que Campinas possuía em 1900 retratistas a “crayon” e pintores a óleo e de aquarelas? Seriam os mesmos que influíram em Emílio Décourt? O fato é que, ao findar-se o século, nossa cidade contava com três retratistas da primeira especialidade e dois da segunda. Os retratistas a “crayon” que o **Almanaque** cita são: Francisco Brás da Silva, A. de Rubbo e B. Magno. Os outros, Agnelo Correia e Alfredo Norfini.

A professora Maria Lúcia de Sousa Rangel Ricci citou, em sua conferência, palavras de Henrique de Barcelos pouco lisonjeiras a

Campinas, escritas em 1872. O mesmo jornalista mostra uma Campinas diferente em 1900, neste trecho, extraído de um seu escrito publicado no **Almanaque**: “Na ordem intelectual, além dos colégios particulares para ambos os sexos, foi Campinas dotada pelo Governo do Estado com o Grupo Escolar (curso intermediário) onde recebem instrução cerca de quatrocentas crianças; e o Ginásio (curso secundário) onde os que ali completam o curso obterão o diploma de bacharel em letras e ciências”. No tópico seguinte, escreveu: “Traço saliente do caráter campineiro é a sociabilidade e daí a criação e instalação de associações recreativas, literárias e artísticas. E é dever consignar-se que entre nós, nestes últimos tempos, tem-se avolumado o gosto pelas belas-artes, especialmente o desenho, a pintura e a música, cultivados por distintas senhoras que denunciaram seu talento em várias exposições públicas.”

Podemos agora entrar em 1901 para apreciar alguns aspectos da cultura campineira no início de nosso século.

3 — O “Centro” e o “Cultura”

Ao iniciar-se este século, Campinas era uma grande igreja cercada de casas por todos os lados. Contrastando com o casario rasteiro, onde um ou outro sobrado erguia-se timidamente, a imponência da futura Catedral Metropolitana impunha-se aos olhos de quem lançasse suas vistas pelo aglomerado urbano, de qualquer ponto dos campos ou lavouras adjacentes, dominando a paisagem citadina. O município possuía então cerca de 70 mil habitantes, dos quais provavelmente 50 mil estavam na zona rural. A sua área arruada e edificada era de 13 mil metros quadrados.

Em 1913, naqueles 13 mil metros quadrados, a população da cidade era de pouco mais de 40 mil habitantes, que moravam em 5901 prédios. Em comparação com a metrópole de hoje, representava a população menos de 10% da atual e a área arruada pouco mais de 16% da área urbana do momento.

O século XIX legara para Campinas duas instituições que congregavam valiosos elementos altamente qualificados nas ciências e nas letras, os quais, logo no alvorecer do século XX iriam criar o **Centro de Ciências, Letras e Artes**, cuja fundação se deu a 31 de outubro de 1901. A origem desta agremiação, que tanto prestígio deu à cidade, pela sua ação no campo da cultura, deve ser procurada nas instituições surgidas no último quartel do século passado: o Instituto Agrônômico e o Ginásio do Estado.

A idéia primitiva de fundar-se um grêmio para estudos das ciências naturais foi ampliada com a adição do culto às letras e às artes. Teria a entidade, segundo se deduz do projeto de estatuto então elaborado,

a finalidade de promover e propagar essas ciências (a química e a botânica) e das que com elas se relacionassem. Especificava-se ainda que caberia à entidade contribuir para melhorar a agricultura e a pecuária do país, vulgarizar os estudos das moléstias das plantas e dos animais, bem como os meios de debelá-las. Eis mais um item importante: “Esforçar-se pela adoção e prática de leis florestais e protetoras da fauna e flora brasileiras”.

Já foi dito que o primeiro nome proposto foi mudado para “Centro de Ciências, Letras e Artes”, por sugestão de Coelho Neto. Dando muita ênfase às ciências, a nova agremiação campineira não daria muita importância no início de suas atividades aos outros setores. Este fato é enfocado tanto por Pelágio Lobo como por Carlos F. de Paula. O primeiro, falando do “Centro” por ocasião do quinquagésimo aniversário de sua fundação, disse textualmente, referindo-se ao programa primitivo: “Esse programa encaminhado a estudos de ciências naturais afastava da organização elementos valiosos”. Se a crítica de Pelágio Lobo nesse trecho citado se restringe ao programa, Carlos F. de Paula, em sua **Monografia**, vai além ao referir-se às atividades artísticas e literárias do “Centro”, no capítulo “O Clube do Livro Azul, complemento musical e artístico do Centro”. Quando tratar da Casa Livro Azul, que bem merece uma boa referência pelo papel que desempenhou na cultura campineira, relatei alguns fatos relevantes desse estabelecimento. Por ora limito-me a transcrever o que escreveu Carlos F. de Paula:

“A parte literária e musical não tinha ainda guarida no Centro, que era de feitio provecto. Dele se deslocara para a sede da Casa Livro Azul convertida em Clube do Livro Azul e, mais tarde, quando da representação da **Pastoral** de Coelho Neto, para o Teatro São Carlos. Em 1902, enquanto no Centro seus fundadores dissertavam sobre temas científicos, Coelho Neto iniciava os seus saraus, dando início à série dos que visavam a valorizar a música brasileira e as cantigas populares dentro de programas que o seu bom-gosto compunha com a ajuda preciosa de D. Gaby. Num deles, chamado Sarau de Estímulo, realizado a 13 de maio de 1902, no programa que ainda possuo, impresso a duas cores, como intróito das três partes, a primeira com a profonia do **Guarani**, a segunda com **As Estações**, episódio romântico de Coelho Neto com música de Alberto Nepomuceno – leio os nomes de três “speakers” juvenis aos quais Coelho Neto confiara o exórdio explicativo, numa linguagem cantante de que ele tinha o segredo e tão bem se casava com os temas musicais que ali se desenvolviam. Esses meninos, hoje sexagenários, eram Tasso de Magalhães, Martim Egídio Nogueira e Pelágio Lobo. Corriam paralelas essas atividades: aqui as pesquisas e debates científicos e no Livro Azul e no palco do Clube Campineiro os saraus em que o bom-gosto e o espírito artístico do casal Coelho Neto finalmente cintilavam”.

Um inventário completo das realizações do “Centro” seria impraticável neste relato em que procuro focalizar aspectos (apenas alguns) da cultura campineira naquele período de trinta anos. A **Revista** é uma delas. Outra promoção da entidade eram as conferências, depois publicadas na revista. Os mais palpitantes assuntos eram focalizados e debatidos pelos que compunham o quadro dos sócios efetivos ou correspondentes, assim como convidados. No “Centro”, Gustavo Enge, lente de Geografia do Ginásio do Estado, fez várias conferências sobre a geografia moderna. Foram essas conferências o brado de alerta para a renovação do ensino geográfico em nosso país. Adotando os métodos posteriormente preconizados por Delgado de Carvalho e cerca de trinta anos depois usados na Universidade de São Paulo a partir de 1934, Gustavo Enge lecionava no Ginásio do Estado a matéria por um método mais científico e mais condizente com as necessidades do ensino.

Não cabe aqui a história completa do **Clube Semanal de Cultura Artística**, agremiação de grande significação na vida cultural de Campinas no período em foco, mas é preciso que se diga alguma coisa a seu respeito para situá-lo no panorama da cultura campineira. O Clube resultante da fusão do “Clube Semanal”, sociedade de dança fundada em 1857 e do “Grêmio de Cultura Artística” surgido em 1915, teve intensa atividade no campo artístico do período. Rafael Duarte em seu trabalho **Crônica do Clube Semanal de Cultura Artística: Página da História de Campinas**, assim relata as origens e a atividade da agremiação em seus primeiros anos de vida: “No decurso de 1914, aos derradeiros meses desse ano, reuniamo-nos à noitinha no salão do Clube Campineiro, então instalado no prédio atualmente ocupado pelo Clube Semanal de Cultural Artística, Jorge H. Klier, Otávio Neto, Fritz Gotwald e quem esta redige; os três primeiros em um “trio” magnífico de piano, violino e violoncelo e o quarto como redator dessas excelentes “serestas” musicais preparadas pelos exímios musicistas. Tais ensaios de per si constituíam brilhantes interpretações de clássicos consagrados. Foi então que nos ocorreu a idéia de se criar um Grêmio de Cultura Artística, aproveitando tão excelentes elementos, indispensáveis ao bom êxito da idéia”.

Conta-nos ainda Rafael Duarte que o sócio do novo Grêmio, Sr. A. B. de Castro Mendes, cedera para sede da agremiação a sua sala de trabalho na Casa Livro Azul, estabelecimento de sua propriedade.

Uma orquestra “composta de algumas senhorinhas violinistas e diversos senhores sócios e mais alguns elementos a convite da Diretoria — escreveu o cronista citado — apresentando um conjunto de trinta ou mais executantes” foi organizada, sendo nos primeiros tempos dirigida pelo violinista professor Fritz Gotwald.

Na década de final 30 ainda eram frequentes os saraus culturais proporcionados pelo Clube, dos quais participavam os maiores nomes das

letras e das artes, principalmente da música. Guiomar Novais ali tocou muitas vezes. Ali surgiu Ofélia Nascimento. Após a mudança do Clube Campineiro para seu novo prédio, o **Cultura** passou a Rua Barão de Jaguará esquina de General Osório. Foi nesse prédio que Campinas recebeu Ofélia Nascimento, no seu regresso de Leipzig. Nessa cidade alemã a nossa patrícia fizera brilhante curso com Max Pauer.

Vale a pena recordar aqui a ação de Campinas em favor daquele jovem e promissor talento que aqui desabrochara. Nascida em Ribeirão Preto, Ofélia veio para Campinas, aqui estudando piano com Graziela Sidow e, depois, com o pianista português, grande intérprete de Liszt, Raimundo de Macedo. Retirando-se este para a Europa, Ofélia foi estudar com Luigi Chifarelli em São Paulo, mas este, por doença, a teve pouco tempo sob seus cuidados, indo Ofélia para o Rio estudar com Oscar Guanabarro.

Sua apresentação em Campinas foi a 22 de outubro de 1921, no salão do **Cultura**. Reconhecido o talento da então menina, carinhosamente tratada pelos campineiros por Cicina, todos em nossa cidade se interessavam pelo futuro artístico da jovem que necessitava de aperfeiçoar seus estudos na Europa. Os campineiros não falharam. Em março de 1925 dirigiram uma representação ao Governo do Estado em favor de Ofélia e está pôde ir para a Europa, de onde regressou consagrada em 1928.

4 — O “Clube Livro Azul” e Coelho Neto

Fundada em fins de 1876 pelos Srs. Antônio Benedito de Castro Mendes e Joaquim Roberto Alves, a Casa Livro Azul iniciou-se modestamente como oficina encadernadora. Naquela época, os impressos eram feitos apenas na **Gazeta de Campinas** (primeira fase), em **O Constitucional** e no **Diário de Campinas**. Durante a sua existência teve papel relevante na cultura campineira, não só como empresa gráfica, editora de livros, como no desenvolvimento da música na qualidade de vendedora de pianos. De 1888, ano em que recebeu os primeiros pianos, até 1926, quando comemorou o seu cinquentenário, a Casa Livro Azul havia vendido em Campinas cerca de 500 desses instrumentos, segundo depoimento de seu proprietário, Sr. Castro Mendes.

É preciso levar-se em conta que no início do século havia aqui outras casas, como a Genoud, Mascote e outra, também vendedora de pianos. Havia naquele tempo verdadeiro culto do piano, a que poderíamos chamar de pianolatria campineira. A Casa Livro Azul possuía um salão em que se reuniam os aficionados da música e das palestras literárias, o que deu origem ao “Clube Livro Azul”, fundado em 1903. Lê-se num relatório do próprio estabelecimento que ali se realizavam os “Concertinhos Livro

Azul”, em que tomavam parte todos os amigos da casa, apreciadores das artes e elementos de destaque da sociedade campineira.

Coelho Neto era figura de destaque nas reuniões. Em 1903, a pedido do Sr. Castro Mendes, se propôs a escrever um apólogo para ser representado pelo Natal. O apólogo se transformou numa peça em três atos, exigindo grande montagem, razão por que se tornava impraticável a sua apresentação no “Clube”. Foi transferida para o Teatro São Carlos, sendo representada na noite de 25 de dezembro daquele ano, com grande êxito. Dedicada pelo autor ao Sr. A. B. de Castro Mendes, a **Pastoral** voltou a ser encenada em Campinas em 1933 sob a direção do teatrólogo conterrâneo Amilar Alves, neto de Joaquim Roberto Alves, encarregando-se da representação um grupo de amadores de nossa terra. Posteriormente à apresentação de 1903, a **Pastoral** foi representada no Rio de Janeiro, no Parque Fluminense, e em Portugal, no auditório da Feira de Amostras de Lisboa.

Na edição definitiva dessa obra, publicada pela Livraria Chardron em 1923, o autor finaliza o prefácio com esta exaltação a Campinas: “Campinas, cidade formosa e amena, onde colhi um trevo de ventura do qual me tomaste uma das folhas, que pena eu tenho de não poder gravar em estrofes perenes todo o bem que te devo e a grande saudade que de ti conservo no mais íntimo do coração”.

Vindo residir em Campinas para no ginásio oficial da cidade reger a cadeira de Literatura, Coelho Neto desenvolveu aqui grande atividade em favor de nossa cultura, não só no magistério como fora dele, congregando em torno de si grande número de intelectuais e artistas. Aqui ele conheceu a 1^o de novembro de 1902, Euclides da Cunha, que veio a Campinas especialmente para ler os originais de **Os Sertões** para o escritor maranhense. Eis o que escreveu a propósito de sua fixação aqui:

“Assim pensando dentro de mim quando deixei o Rio, mudando-me para Campinas, resolvi implantar-me na cidade radicando-me do seu solo, familiarizando-me com a sua gente e tão bem o fiz que o tempo que ali vivi — e foram três anos ! — passou tão rápido que hoje, se o recordo, tenho-o por um sonho feliz, desses que a gente lastima que se não cumpram e deseja readormecer para os continuar”.

No prefácio à **Pastoral**, escreveu Coelho Neto as palavras que se seguem, pelas quais o leitor fica sabendo como surgiu a peça:

“Este **evangelho**, escrito em dois dias para a vigília do Natal que pretendíamos celebrar na casa do presidente do Clube Livro Azul com a colaboração artística que lhe deram a meu pedido Henrique Oswald, Francisco Braga e Alberto Nepomuceno e o corpo de coros da sociedade alemã Eintracht, tanto avultou que foi necessário levá-lo para o Teatro São Carlos, onde foi representado na noite de 25 de dezembro de 1903.”

Para se ter uma idéia do esmero com que se cuidou do espetáculo basta lembrar-se que os cenários foram desenhados por Henrique Bernardelli, para o 2º ato, e por Julião Machado, para o 3º, cabendo a Alfredo Norfini o esboço do 1º. Este artista executou todos os cenários da peça. Os figurinos para as personagens foram cuidadosamente estudados e concebidos, deles se encarregando Rodolfo e Henrique Bernardelli, Aurélio de Figueiredo e Alfredo Norfini. A música foi executada por uma orquestra de Campinas. “A orquestra, de amadores, na qual havia desde um deputado federal (2º violino) até um sapateiro (trombone) — é o próprio Coelho Neto que nos conta — foi ensaiada por um guarda-livros, Olegário Ribeiro. Os coros da Eintracht foram dirigidos pelo professor Iahn tipo a Hans Sachs. Francisco Braga e Alberto Nepomuceno foram expressamente a Campinas para reger a orquestra nas duas primeiras noites. A montagem foi luxuosíssima.”

Sobre o primeiro encontro de Euclides da Cunha com Coelho Neto na casa da então Rua Francisco Glicério, há um episódio pitoresco, oriundo da brincadeira de alguém. Foi o seguinte: Coelho Neto costumava fazer seus cigarros, ele mesmo, tirando o fumo de um pote que tinha em sua sala. Alguém advertira Euclides: se Coelho Neto apanhar o pote e começar a fazer cigarro, é porque é hora da visita ir-se... Euclides, levado por César Bierrenbach, estava na sala conversando quando Coelho Neto começou sua operação. Levantando-se abruptamente, saiu pisando duro. Da janela, Coelho Neto contemplou esta cena: Euclides indignado e César rindo, desbragadamente... Explicada a situação a Euclides quanto ao hábito de Coelho Neto fazer seus próprios cigarros, paciente e cuidadosamente, sem outras intenções, Euclides, que se hospedara no Hotel Pinheiro, voltou à noite à residência do escritor levando apenas parte dos manuscritos. Coelho Neto ouviu-o sem fumar...

Sobre este segundo encontro dos dois expoentes de nossa Literatura, escrevi no **Correio Popular** de 27 de abril de 1972 este tópico: “Coelho Neto, preocupado com o interior da casa, onde algo de importante acontece, levanta-se algumas vezes para sondar o que se passa lá dentro. Euclides, desconfiado, acompanha seus movimentos. Eis que chega o Dr. Sousa Brito. Dispensam-se as apresentações, pois Euclides e o médico já se conhecem. Por este, toma conhecimento do que ocorre na casa de Coelho Neto. Alguém está para chegar. Euclides desculpa-se, mas volta no dia seguinte para pedir notícias. Anuncia-se-lhe o nascimento do filho de Coelho Neto, Paulo, que no futuro se tornaria também escritor. Congratulando-se com o pai, Euclides diz: “Este cavalheiro tem obrigação de me querer bem, porque entramos no mesmo dia nesta casa.” Despede-se e vai para Lorena.

5 — Intelectuais e Artistas

Não podendo apresentar um inventário completo de todas as instituições culturais de Campinas e dos intelectuais e artistas que deram contribuição de forma positiva para a nossa cultura nos primeiros trinta

anos deste século, limitar-me-ei a focalizar alguns dos elementos mais expressivos. Assim, dentre os nomes que mais estiveram em evidência, escolho os de Ruy Martins Ferreira, Gérson Pompeu Pinheiro, Aristides Monteiro, Vítor Caruso e Amilar Alves. Dois órgãos da imprensa campineira — **Gazeta de Campinas** e **A Onda**, surgidos ambos em 1921 — terão também o seu quinhão neste relato.

A **Gazeta de Campinas**, órgão do Partido Republicano Paulista (PRP), surgiu a 1.º de maio daquele ano, circulando até 24 de outubro de 1930, dia em que, com a deposição de Washington Luís, foi empastelada. Aristides Monteiro que, pelas colunas do extinto **Comércio de Campinas**, lançará no princípio de 1921 um artigo “Um certo literário em Campinas,” agitara os jovens intelectuais da cidade. Surgindo em maio daquele ano, a **Gazeta**, que adquirira o acervo do **Comércio de Campinas**, Aristides Monteiro, em 1923, criou no novo jornal a “Seção dos Novos”. O jovem Aristides, que já se revelara excelente poeta, atraiu para a sua seção o grupo de amigos que se reunia habitualmente na Casa Genoud ou no Café Guarani, em animadas tertúlias literárias.

Em seu recente depoimento sobre o momento literário que Campinas então viveu, Aristides Monteiro relata como se iniciou o movimento de que se originou a “Seção dos Novos”. Jovem de vinte anos, o poeta não se conformava com o marasmo de Campinas, reagindo com o seu artigo e com a criação do rodapé da **Gazeta de Campinas**. Ele nos conta como foi para aquele jornal:

“Em linhas gerais e visando exclusivamente à anotação histórica, pode dizer-se que a **Seção dos Novos** da **Gazeta de Campinas** foi criada durante a gestão de Galdino de Moraes Alves, em fins de 1923. Ele admitiu-me na redação sob o título pomposo de redator-literário e cronista de arte; e para justificar essa finalidade ofereceu-me um rodapé semanal (além de minhas atribuições diárias) para ser preenchido sob a minha inteira responsabilidade com artigos de interesse literário, prosa e verso, com o objetivo de agitar idéias e movimentar o ambiente intelectual campineiro, na época mergulhado em completo marasmo. Para avaliar-se o grau dessa estagnação, basta lembrar que mesmo as ruidosas manifestações ocorridas em São Paulo com o impacto da Semana de Arte Moderna e suas continuadas irreverências não tinham tido qualquer repercussão em Campinas”.

Os nomes dos primeiros a entrarem para o grupo são encontrados neste tópicio de Aristides Monteiro: “A esse primeiro chamado estiveram presentes Hildebrando Siqueira, prosador vanguardista; Helvídio Gouveia, poeta e cronista, um dos mais entusiastas; Miguel Cione, poeta cheio de refinamentos delicados; Hugo Werneck de Castro, poeta; Alberto Sarmiento, cronista; João de Souza Ferraz, poeta e prosador com

tendências filosóficas; e o mais culto de todos, Rui Martins Ferreira, pintor e cronista que, quando irrompia qualquer efervescência de idéias antagônicas, ditava os postulados do **juste milieu** estético. Este foi meu companheiro inseparável e representou uma das melhores influências que tive em minha mocidade”.

Em 1924 Galdino de Moraes Alves entregara a redação para José Dias Leme, talento polimorfo, e a “Seção dos Novos” passara a denominar-se “Literatura”. Aristides deixara a redação em 1924, mas os frutos da árvore por ele plantada foram colhidos durante vários anos.

Artista, pintor, contista, assim pode ser classificado Rui Martins Ferreira. Tendo estudado artes na Itália, em Florença, foi professor de desenho de nosso Ginásio do Estado. Sua atuação no campo da pintura foi brilhante, conquistando vários prêmios. Na literatura, entretanto, Martim Ruiz (pseudônimo que adotou) tem publicado magníficos contos. Sua influência, como acentuou Aristides Monteiro, foi grande entre os jovens intelectuais de Campinas. Magníficas ilustrações suas a traço são encontradas em “A Novela Sentimental” e “Novela Nacional”.

Houve no período em foco grande surto epidêmico de trocadilhos. Para se falar em trocadilhos, ou melhor da trocadilhomania da época, temos que falar de **A Onda**, revista que circulou na cidade durante algum tempo, e para se falar em **A Onda**, temos que falar de Vítor Caruso. Fundada por esse intelectual conterrâneo e Domingos de Andrade, **A Onda** constituía um dos atrativos da gente campineira. Não posso estender-me sobre essa fase para não transformar este relato numa seção de piadas... Mestre do trocadilho, Caruso não ficava, no campo do humor, apenas nesse setor. Seus versos humorísticos, entre os quais figuravam traduções de Trilussa, são citados por vários autores de coletâneas. Em **De barriga p'ro ar**, impresso na Casa Genoud em 1915, encontramos estes versos: “**O Leão Reconhecido** — No africano deserto, um leão gemente/Que tinha um pé varado por um dardo,/Foi salvo por cirurgião tenente./ — Bravo ! da dor tu me tiraste o fardo,/Disse. Quero mostrar-me agradecido./A que posso servir-te, meu amigo ? /Queres ser promovido ? /Pois bem: conta comigo./Nem se passava a noite, deu-se pressa/De manter a promessa./Melhor que um Cavalheiro/Correu para o tenente: Companheiro/Já consegui a tua promoção: — Comi o capitão”.

De Amilar Alves, teatrólogo, que, com seu **João da Mata**, recebeu elogiosas referências da Academia Brasileira de Letras, muito se teria a dizer. Como Benedito Otávio, outro teatrólogo de valor na literatura campineira, Amilar Alves exerceu muita influência na vida teatral de Campinas. Sua atuação, entretanto, não foi só no teatro. Foi pioneiro na cinematografia brasileira, pois que, com o “Ciclo Campineiro de

Cinema”, iniciado em 1923 com a filmagem do drama **João da Mata**, por ele dirigido, marcou o advento de nova fase para o cinema no Brasil.

Nas artes plásticas, Campinas possuía também alguns autênticos valores, como Lellio Colluccini, na escultura; Salvador Caruso, Ruy Martins Ferreira e Caldarelli, na pintura. Um nome — o de Gérson Pompeu Pinheiro — deve ser mencionado não só pelo seu valor, mas pelas circunstâncias em que iniciou sua vitoriosa carreira artística. Em 1922 pude admirar na Exposição Comemorativa do Centenário da Independência, realizada no antigo Instituto Profissional “Bento Quirino”, um quadro a óleo intitulado “Homenagem do Presente ao Passado”, feito pelo menino campineiro de doze anos de idade, Gérson Pompeu Pinheiro. Esse quadro foi para o Rio e, na Exposição Internacional do Centenário recebeu menção honrosa. Antes, Gérson, com onze anos, havia feito um retrato em tamanho natural de D. Pedro II. Sobre o primeiro citado, uma revista de artes plásticas escreveu que Gérson “sem qualquer estudo de pintura compôs e pintou a tela Homenagem do Presente ao Passado” e acrescentou: “Esse quadro a óleo, que encerra numerosas dificuldades de execução uma vez que se trata de um interior, com duas figuras de corpo inteiro, móveis, planejamento e paisagens...” Detentor de várias láureas, esse nosso conterrâneo da primeira década ostenta entre elas a Grande Medalha de Ouro, conquistada quando concluiu o Curso Especial de Arquitetura, em seu “grau máximo”. Entre os vários cargos que ocupou, foi diretor da Escola Nacional de Belas-Artes.

Ao encerrar este relato sobre alguns aspectos da vida cultural campineira no início deste século, repito minha afirmação inicial: o período foi rico de eventos. Que os estudiosos da História de Campinas voltem suas vistas para ele, e elejam alguns de seus temas para estudos mais aprofundados, são os votos que faço.

*